



GOLPE POR TELEFONE

Sempre que via reportagens sobre golpes por telefones pensava: *“Mas que ingenuidade, essa vítima é muito idiota, cair numa armadilha dessas só sendo bem besta mesmo. Será que não notou que era tudo armação? Será que não vê que é só localizar a vítima em questão que tudo será esclarecido de que não se passa de mentiras e de um golpe”*.

Esse era exatamente o pensamento que eu tinha a respeito.

Mas, como minha mãe sempre diz depois que vivemos na pele certas situações é que vamos entender os motivos e os “porquês” das coisas.

Digo isso porque vi de perto esse golpe que tentarei contar a seguir:

Era manhã do dia 11 de junho. Junior, 26 anos, solteiro, meu vizinho e amigo de infância, rapaz trabalhador que sempre lutou de forma honesta com sua família para adquirir tudo o que tinham, trabalhava o dia todo e à noite fazia faculdade; chegava a sua sala no escritório de contabilidade para mais um dia de serviço.

Tudo parecia estar normal até o telefone tocar em sua mesa. A ligação era a cobrar e ele pensa ser um colega de serviço, afinal combinou com antecedência que outro funcionário faria ligação desse tipo quando precisasse e... ATENDE.

Uma voz firme e masculina diz ser da PRF (Polícia Rodoviária Federal) e que havia acontecido um grave acidente envolvendo um carro Fiesta de cor prata e queria saber se Junior conhecia alguém que possuía carro dessas características. Assustado o jovem responde que sim que seu irmão tinha um (afinal, Junior tem mesmo um irmão que possui o mesmo modelo e cor de veículo). Angustiado por notícias, Junior enche o anônimo de perguntas que irritado responde: *“É o seguinte meu chapa somos de uma quadrilha e pegamos seu irmão, ele está na mira e se você vacilar ele morre. Já trocamos tiros com a polícia e só queríamos o carro para fugir, mas como ele reagiu trouxemos ele junto e agora seu maninho está no cativado e precisamos de 3 mil reais para fugir e depois liberá-lo”*. Assustado Júnior responde que não tem a quantia e que naquela hora só teria sua reserva bancária de uma conta universitária que era referente a apenas duzentos reais. O Marginal aos gritos diz: *“Então vá até lá saque e compre duzentos reais em cartões de celular e me passar às senhas. Outra coisa fique bem quietinho, não chame a polícia, não conte para ninguém e nem se atreva a ligar no celular do seu irmão porque se o celular dele tocar aqui ele morre. Não vacile meu camarada, somos bandidos da pesada e não temos nada a perder, deixe o telefone fora do gancho que eu aguardo você voltar, se caso a ligação cair eu volto a ligar e se entrar outra pessoa na sua linha seu irmão já era”*.

Sem pensar duas vezes, tremendo e com o coração disparado na insegurança de acontecer algo pior ao seu irmão, largou o fone fora do gancho e foi até ao banco, sacou a quantia e comprou os cartões celulares. Quando retornou o bandido ainda estava na linha e Junior ditou um a um os números da senha de cada cartão celular que havia comprado. Nesse mesmo momento o Chefe de Junior entra na sala e desconfiado pelo



nervosismo do funcionário o Chefe quer saber quem está na linha com Junior, que de forma estranha responde: “*Um cara*”.

O bandido percebendo que Junior envolvido pelo medo se tornava presa fácil, disse: “*Preciso de mais cem reais em cartões se você ama mesmo seu irmão se vira meu chapa, porque somos bandidos e não temos nada a perder, vou desligar e em cinco minutos retorno*”.

O Chefe vendo que Junior está muito estranho pergunta novamente: “O que está acontecendo? Quem estava na linha? Porque você está tão nervoso e diferente?”

Júnior começa a chorar e explica todo o acontecido. Nesse momento um cliente que era policial entra no escritório e ouvindo a história alerta que se trata de um trote e encoraja Junior a passar os telefones da suposta vítima.

Ligam primeiro no celular, que para o desespero de Junior ninguém atende. Sem perder tempo os colegas ligam para os Colégios onde provavelmente estaria seu irmão, afinal ele era professor e para o alívio de todos a suposta vítima estava dando aula, por isso não atendia o celular que estava no silencioso, se confirmou assim que realmente era um golpe.

O Telefone toca novamente e o policial atende e diz: “Aqui é o delegado da Polícia Federal seu bandido salafrário. Já sabemos quem é você e vamos te pegar”. O criminoso enraivecido pelo golpe ter chegado ao fim bate boca com o policial e logo desliga.

Ainda muito nervoso e aos prantos, Junior orientado pelo policial e por seu Chefe vai até a delegacia relatar o acontecido e só depois de retornar a sua casa é que conta para a sua família toda a agonia daquela manhã. Logo, cheguei para visitá-lo e também soube da desagradável notícia.

Quando retornei para a minha casa fiquei pensando em tudo aquilo e me colocando no lugar de Junior. Analisando toda aquela pressão psicológica feita pelo marginal, a estratégia, inteligentemente, detalhada por gritos e ameaças o que pressiona a vítima por não ter tempo para raciocinar.

Fiquei pensando na situação de uma forma geral, coagido Junior obedecia fielmente todos os comandos dados; teve que agüentar tudo em silêncio sem poder compartilhar aquela angústia com ninguém; muito nervoso foi até ao banco atravessando ruas e sinas de vias extremamente movimentadas, ao certo nem se quer viu toda aquela agitação do trânsito; sacou provavelmente de forma trêmula e ansiosa seu pequeno limite bancário, mas com certeza não estava pensando nisso, afinal em sua mente o que estava em jogo era a vida de seu irmão, pois para ele um só erro naquele momento seria a aproximação da morte de seu irmão. Nossa! Se tudo aquilo tivesse acontecido comigo, teria agido como? Diante de tanta pressão acho que teria feito tudo igual ou pior que Junior.

As palavras de minha mãe fizeram sentido para mim. Agora acredito que é só vivendo de perto certas situações para se saber das realidades e no caso de golpes como esse não se trata de ingenuidade por parte da vítima, mas sim de um jogo psicológico muito forte



que consegue abalar emocionalmente a pessoa a ponto de a mesma ficar como fantoches nas mãos de criminosos impiedosos como esses.

Ainda bem que temos confiança na lei brasileira. Ficamos na expectativa de que essa quadrilha de marginais seja presa e punida.

Meire Silva.
12/06/2007